

Nota sobre o estudo em 3 e 10/1/16 na EBD Iman 406

Pedro A D de Rezende – Brasília, 26/01/2016

O contexto

Durante a apresentação de uma lição da revista metodista “Em Marcha” que versa sobre diálogo entre pais e filhos (lição 4 edição 2015-2), por mim conduzida na classe de adultos da Escola Dominical da Iman 406 em 27/12/2015, citei um exemplo de diálogo sobre conflitos, onde digo a meus filhos o que entendo ser a única justificativa aceitável para mentirem: apenas quando você sabe que quem te interpela quer te fazer o mal.

O exemplo provocou firme reação de alguns na classe, que argumentaram não haver nenhuma base bíblica para justificar mentiras. Uma irmã disse que a base que há é para falarmos “só a verdade”, e outro, que **Ap 21:8** conflitaria com tal conduta. Pedi então a opinião do pastor. Diante da classe, ele disse que haveria uma passagem numa carta de Paulo que poderia justificar o exemplo citado, mas que ele não se lembrava qual.

Antes de encerrar a lição, pedi então ao pastor que pesquisasse a respeito e nos desse retorno, pois estava recorrendo à sua autoridade pastoral para resolver aquele impasse, já que o entendia como julgamento de irmãos sobre minha conduta no exemplo pessoal que eu citara. Entrementes, no culto daquele mesmo domingo, encontrei em **2Co 6:8** uma passagem que poderia nos dar a referida base no Novo Testamento (N.T.).

Após o culto, avisei ao pastor que já havia encontrado uma passagem para a pesquisa que lhe pedira. Sobre a passagem, disse-lhe apenas que estava poucos versículos adiante do que ele havia acabado de pregar, razão pela qual eu a havia encontrado; e sobre o pedido para que ele pesquisasse, que não era então mais necessário. A partir daí, continuei buscando outras passagens que pudessem confirmar **2 Co 6:8** como base para tal justificativa. Além do V.T. (**Js 2:3-7**), fui no N.T. encontrando outras e passei a escrever um estudo a respeito.

Em 31/12/2015, saiu a programação seguinte para a classe de adultos, em que eu ficara encarregado das lições no mês de janeiro de 2016. Pedi à pastora responsável autorização para levar à classe uma lição avulsa sobre aquele estudo, então intitulado “[Mentira e verdade no diálogo do cristão](#)”. Disse que teria o mesmo formato das lições da revista, e que poderia durar mais de um domingo. No mesmo dia, recebi autorização.

No primeiro domingo de apresentação (3/1/2016), expus os 5 textos bíblicos que havia selecionado como referência, os 4 temas que pretendia desenvolver deles, mostrei três outras passagens relevantes comentadas, incluindo **Ap 21:8**, e a conclusão. Desenvolvi o [primeiro tema](#), e, ante a manifestação de quem dizia não ter “entendido nada”, prometi acrescentar, para a continuação no domingo seguinte, análise de uma passagem bíblica com as palavras “mentira” e “verdade” na mesma frase, e definições mais didáticas desses conceitos.

O impasse

No domingo seguinte (10/01/2016), não consegui sair do [segundo tema](#), pois fui constantemente interpelado ou interrompido com tentativas ou de desqualificar a sequência dos temas, ou de desviar do roteiro apresentado no domingo anterior (inclusive com material já preparado que não quiseram me mostrar), ou de censura. Dois dias depois, recebi mensagem da pastora responsável, dando conta de ter tomado ciência da reação de algumas pessoas. O assunto teria gerado muita polêmica, e ela me pedia para encerrar as apresentações do estudo, evitando discussões sobre o tema em domingos seguintes, até a volta de férias do pastor titular e dela.

As alterações posteriores no material que havia escrito para esse estudo foram: a inclusão de uma interpretação de **Ef 4:25** como passagem relevante ([p14](#)), e de um diagrama ilustrativo de conceitos linguísticos ([p18](#)), como prometido no primeiro dia de apresentação (3/1/2016); e, após o domingo seguinte (10/1/2016), a inclusão no segundo tema das expressões “em resposta” e “como em **Gn 3:6**”, referindo-me a **Tt 2:8** e ao exemplo que eu havia citado *en passant* como situação que ensejava a suposta exceção bíblica para mentiras.

A rejeição visceral ao estudo sendo apresentado pareceu-me amparar-se em dois pontos fundamentais, os quais requerem, ambos, um mínimo de consenso para que o respectivo debate pudesse produzir algum entendimento bíblico. Um ponto é a diferença na tradução da palavra grega *kaí* em **2Co 6:8**, entre a versão Almeida Corrigida e Fiel (ACF) e a Almeida Revisada e Atualizada (ARA). Ambas vertem as duas primeiras ocorrências de *kaí* em “e”, mas diferem na 3ª: “e” na ACF, e “porém” na ARA, pautando o segundo tema nas questões: se as duas traduções podem ser conciliadas; e se podem, se devem ou não; e se devem, como, e se não, qual é preferível; e por quê. O outro ponto está em 4 noções: o que é mentira, verdade, engano, opinião.

Sobre a interpretação de **2Co 6:8** aduzida pela versão ARA, todos pareciam concordar, mas quanto à forma, a necessidade ou importância de se conciliar ACF e ARA, pareciam rejeitadas pelos mais exaltados, sem no

entanto expressarem isto. Até que, no final, fui acusado de trazer ao estudo uma versão herege da Bíblia (ACF), e de arrogância acadêmica ao comparar minha Bíblia de referência com a que fora lida de um celular (ARA). Isso logo depois de ter sido acusado de levar a classe àquela polêmica toda apenas para tentar justificar meu erro na lição passada, sobre pais e filhos, pois “afinal, a mentira é o contrário da verdade, e pronto”.

Tg 3:5-8 ensina a termos cuidado com as palavras. Isso inclui discernir entre sinceridade e verdade, e entre coerência e dizer “só verdade(s)”.¹ E para doutrina, **Tt 2:7-8** receita linguagem *sã*. Sim, a mentira é *contrária* à verdade, mas isso **não** significa o *contrário* de verdade. Tirando as interrupções e interpelações, quase todo o tempo restante dessa segunda apresentação havia sido gasto tentando explicar que “contrário a”, e “o contrário de” (em análise léxica: operação de antônimo), são operações distintas, que geralmente produzem [diferentes resultados](#) em conjuntos de enunciados. Ou então argumentando como é perigoso, ante os alertas bíblicos de que me lembrava de cabeça, confundirmos as partições compostas por aquelas 4 noções.¹

Mas, em ouvidos tornados moucos por mentes cheias de rejeição prévia, todo aquele esforço foi perdido. Antes, os irritou, talvez num caso exemplar de confusão entre a verdade sua, ou de outro, e “a verdade” (**2Tm 3:4**). Tal confusão, mensurável pelo nível de barulho ou indignação produzidos por mera insinuação de que “a verdade” e a *sua* podem ser diferentes, tomou quase todo o tempo disponível até a ordem de silêncio. Com a qual findou-se o que poderia ser usado para o restante do estudo, e seus exemplos. Os quais mal havíamos começado a ilustrar, na Bíblia apenas *en passant*, com o de Eva e a serpente no Éden. Corações ensináveis?

Considerações finais

E se Eva, em **Gn 3:1-7**, tivesse mentido *contra a cilada* para confundir a serpente? Quando foi abordada por satanás, Eva começou mal, dando-lhe legalidade para seduzi-la, ao enganar-se ou mentir sobre a palavra de Deus em sua resposta.² Todavia, ao ser interpelada com a dúvida sobre o preço da desobediência, em vez de calar-se e julgar com olhos (**Jo 7:24**) quão agradável é aquele fruto e a tentação de arriscar por ele a morte, se ela tivesse mentido *contra sua acolhida dúvida*³ retrucando “não pelo castigo, mas por obediência ao meu Criador, não”, teria tido forças para resistir à sedução? Talvez. Se a tal árvore⁴ era sua *kundalini*, e o fruto, o despertar dela – lá em adultério com um anjo-mau, capaz de materializar-se nu em um iogue Ricardão, como entende Jonathan Kleck –, quem sabe... Caim, o primeiro [nefilim](#)? Mas essa tese é que parece agora proibida.

Proibida como foi a minha escolha para Bíblia de referência (ACF), que norteou o estudo. A tentativa de cen-

1. Uma interrupção desqualificante apontou **Tg 5:12** (ou **Mt 5:37**) como regra para nunca dizermos mentiras, só verdades. Seria bom, mas não a interpretação, que é forçada, e enganosa ante os [vários tipos discursivos](#) a serem analisados no estudo. Tiago diz: “Mas, sobretudo, meus irmãos, não jureis, nem pelo céu, nem pela terra, nem façais qualquer outro juramento; seja, porém, o vosso sim, sim, e o vosso não, não, para não cairdes em condenação”. Isto só diz que devemos nos valer da coerência, em vez de juras, para sermos cridos no que dizemos. E coerência nada tem a ver com supostas dicotomias envolvendo a noção de verdade; antes, é não ficar mudando o sentido – aí, binário – do que se diz sobre algo, conforme o ouvinte ou a situação. Se a dubiedade induz a mentira ao menos uma vez, isso não “prova” que o contrário de verdade é mentira, isso dá contradição. Para evitá-las, não é “só dizer verdades”: e as opiniões? Quem acha que tudo o que é dizível é ou verdade ou mentira, emburra ou apela se suas opiniões não verificadas são questionadas. Viu?

2. Não nos cabe julgar se foi mentira ou engano. Se Eva, ao incluir proibição adicional em sua resposta – de sequer tocar no fruto –, mentiu sabendo que isso era por conta dela, ou se, desatenta ao que Adão lhe transmitira, enganou-se sobre detalhes da ordem transmitida (inclusive *qual a árvore*⁴), ou se foi Adão que transmitiu-lhe a ordem de interdição incluindo por conta dele a proibição de nem tocar, o que há em Gênesis não revela. De qualquer forma, Eva esteve assim expondo à serpente a [sinceridade](#) com que ela ou o casal tendia(m) a entender Deus: humanamente, como despótico.

3. **Tt 2:7b-8** diz: “..; na doutrina mostra integridade, sobriedade, ⁸linguagem *sã* e irrepreensível, para que o adversário se confunda, não tendo nenhum mal que dizer de nós”. Em Eva, referente ao que devia ser o reto juízo do seu coração, e não ao que este acolheu em tentação. Pecado começa em pensamento mau. Contra ele, *linguagem *sã**, até para confundir! O engodo é crucial ao sucesso em guerras humanas, por que nos seria vetado contra as hostes do mal? Quão útil é para a meta de satanás se ele, sem acesso à nossa mente, nos convencer que não podemos mentir sobre ela *para ele*. Cada mentira tem um fundo de verdade, que *nem sempre* é o contrário do dito: é alguma verdade *para o falante*, que ele sabe que deve ficar oculta do ouvinte, para que este se engane com o que for dito. Se o dizer for sóbrio e irrepreensível, e bem integrado *para tal fim*, onde há na Bíblia *proibição absoluta* à mentira para contradizer isto? Ver **Mc 12:24** e **Rm 3:4-8**.

4. A palavra hebraica *ets*, traduzida aí por “árvore”, significa não só a planta, mas também: “madeira”, “caule”, “vara”, “eixo”, etc. Kleck interpreta aí um simbolismo. O feixe de energia vital alojado na coluna vertebral que a ioga tântrica denomina *kundalini*? (que se for despertada por sexo ritualístico adequado leva a um estado alterado ou supranormal de consciência?) O eixo de sua coluna seria a referência possível para Eva tomar como “meio” do jardim, onde estava, pois um rio de 4 braços o regava por muitos quilômetros, sem cercas. E em **Gn 2:17**, ao contrário do que Eva Lhe atribui em **Gn 3:3**, Deus não diz nem que a árvore do fruto proibido está no Éden, nem que foi plantada lá, nem no meio do jardim (onde está a árvore *da vida*: **Gn 2:9**); tendo dito antes (**Gn 2:16**) que podiam comer livremente de *toda* árvore do jardim.

sura contra explicações que quis oferecer para tal escolha, sob acusação de serem obra de arrogância acadêmica, e a interdição da classe de adultos para o assunto, a meu ver ensinam e justificam esta Nota. Cabe aqui então ao menos contar como foi. Em 2011, num culto da Iman 406, o pregador pareceu-me deduzir que Moisés, em **Ex 33:15**, ou achou que Deus o estava enganando, ou não entendeu o que Deus lhe dissera.⁵ A minha Bíblia indicava que Moisés barganhava por mais proteção divina.⁶ Decidi depois conduzir um estudo na célula que coordenava, sobre [origem e discrepâncias nas versões da Bíblia baseadas em JFA](#). Donde a escolha.

A interdição bloqueou também explicações já preparadas contra confusões de origem linguística, as que geraram muita polêmica nas apresentações. Ofensas pessoais à parte, esnobar ou desqualificar dicionários não parece um caminho promissor ao entendimento, haja vista o fim da torre de Babel. “Verdade”, no N.T. original, é *alétheia*. Quer dizer: *não oculto*. Entre enunciados, há 4 tipos pré-defeituosos que não cabem nessa definição, os quais compõem portanto a categoria morfológica antônima, a das inverdades: proposições inverificáveis, falácias (proposições inconsistentes), enganos (de quem fala ou de quem ouve), e mentiras (de quem fala com intenção de enganar quem ouve). Assim, nem toda não-verdade é mentira. E confundi-las é perigoso, pois nos leva a inferir, até no inconsciente, má intenção alheia sempre que houver discordância.⁷ Como ali.

Com esse feitiço linguístico, de vendê-la como “o contrário de verdade”, é que a eficácia de satanás promove sua filha Mentira. Meu colega Luiz Felipe Miguel lembra⁸ que herdamos essa falsa dicotomia, batizada como *hermenêutica da suspeita*⁹ pelo filósofo Paul Ricoeur, de grandes pensadores ateus modernos como Karl Marx (também satanista), Nietzsche e Freud. Devolvemo-la? Tal e qual, o que não é mentira nem sempre é uma verdade (mas sempre envolve ou a sinceridade ou o silêncio). Ademais, nem sempre “dizer a verdade” é uma opção. Exemplo disso – também interdito para “adultos”⁹ – é o dilema na “escolha de Sofia”: satanás forçou-a a mentir sobre seus sentimentos, com um soldado que a prendeu, e demandou que ela escolhesse qual dos dois filhos dela ele mataria. Mais ainda se ela não respondesse, pois nesse caso ele mataria os dois.

Se a escolha de Sofia lhe parece algo alheio, distante da sua vivência cristã, lembre-se que o dilema dela reflete os dos oprimidos por abusos de poder. Uma criança abusada sexualmente e ameaçada se vier a contar isso a alguém, por exemplo, é forçada a mentir: ou para o algoz, ou para quem cuida bem dela, ou então performativamente, silenciando-se. Ferida permanente. Ou ainda, se isso lhe parece alheio à sua experiência com Deus, lembre-se da semelhança com o tipo de desafio que Deus usava para moldar o caráter e o espírito de Jacó: em **Gn 27**, por exemplo, ou ele mentiria para seu pai já cego, como ordenado insistentemente por sua mãe, ou daria a entender a ela que desacreditava da revelação que ela recebera,¹⁰ de que seria ele o herdeiro da promessa a Abraão... na última chance de recebê-la, por meio de um “roubo” de algo já comprado.

A descendência de Jacó carrega o peso de sua pecha de enganador, injustamente para quem busca entender a figura bíblica do seu irmão Esaú, ainda mais para quem conhece a importância do papel figurativo de Edom no quebra-cabeça das profecias sobre o fim dos tempos. O aprendizado em um [estudo a respeito](#), que conduzi ao longo de 2015 na SMH da Iman 406, foi que me afiançou a conduta admoestada em 27/12/2015. O estudo posterior, para a classe de adultos, seguiu orientação pastoral e para mim só confirmou, no N.T., a justificativa à exceção que já tinha. Mas, para quem não tem que lidar com feridas permanentes na alma de sua prole, abertas antes das crianças se tornarem filhos e amados seus, parece fácil, e tentador, esculhambar quem tem.

Como seria, se o mesmo furor farisaico despejado contra tal estudo fosse dirigido contra quem, por exemplo, interpreta **Ex 20:7-11** ou **1Co 14:34** com profundidade ou criatividade? Que Deus nos tenha em misericórdia.

5. **Ex 33:14-15, 17a** [ATB, ARA*] “Respondeu-lhe: A minha face irá *contigo*, e eu te darei descanso. ¹⁵Disse-lhe Moisés: Se a tua face não for *comigo*, não nos faças subir deste lugar ... ¹⁷Disse Jeová a Moisés: Farei também isto que diseste; porque achaste graça aos meus olhos...” – *Algumas edições ARA (exemplo: 1967) também vertem “comigo”.

6. **Ex 33:14-15** [ACF, ARC] “Disse pois: Irá a minha presença *contigo* para te fazer descansar. Então lhe disse: Se tu mesmo não fores *conosco*, não nos faças subir daqui”. – O grifo acima, que nas respectivas edições geralmente corresponde ao formato itálico, indica que os pronomes não foram traduzidos de palavras correspondentes no original hebraico, mas foram inferidos do contexto e introduzidos pelos tradutores. A discrepância, neste caso, vem dessas inferências.

7. Contrariando, justamente, a **Zc 8:16-17** em “...¹⁷E nenhum de vós pense mal no seu coração contra o seu próximo, nem ameís o juramento falso;...”, passagem apontada numa interpelação como justificativa para entendermos “mentira” como antônimo bíblico de “verdade”. Justificativa falaciosa, já que antes é dito “¹⁶...Falai a verdade cada um com o seu próximo;...”, e não “Falai somente a verdade”, onde a verdade aí a ser falada é aquela referente ao contexto dos vs. **9-15**.

8. Professor de Ciência Política da Universidade de Brasília, em seu livro “O Nascimento da Política Moderna” (p.36).

9. Se discordo de sua opinião, devo acusá-lo de querer me enganar? Vice-versa, de que sou joio ou herege, semeador de todo tipo de vilania na família? Até por quem não me ouviu? **Hb 5:11-14** (ver ACF) pode conectar essa “hermenêutica da suspeita” à “operação do erro” profetizada em **2Ts 2:11**, que potencializam os autoenganos de Laodiceia (**Ap 3:17**).

10. Se Jacó creu na revelação de Deus a Rebeca sobre Seu plano para ele, insistir em desobedecer à mãe para não ser pego em mentiras pelo pai, equivaleria a mentir *performativamente* (como fez Tamar em **Gn 38**) sobre essa crença a ela.